MARIA IEDA DA SILVA, FABIANA FLAVIA DE MAGALHÃES NASCIMENTO, CATARINA VALDETE DO NASCIMENTO, ALBENICE IMACULADA DE ANDRADE MACHADO E MARIA NEVES DA SILVA

POR ONDE ANDAS, CHAPEUZINHO?!?!

MEMÓRIAS DE CHAPEUZINHO: NARRATIVAS PARA A INFÂNCIA - HISTÓRIA DA MINHA VIDA



POR ONDE ANDAS, CHAPEUZINHO?!?!

Memórias de Chapeuzinho: Narrativas para a Infância

HISTÓRIA DA MINHA VIDA



Albenice Imaculada de Andrade Machado
Catarina Valdete do Nascimento
Fabiana Flavia de Magalhães Nascimento
Maria Ieda da Silva
Maria Neves da Silva

“todos estamos matriculados na escola da vida,

onde o mestre é o tempo”

Cora Coralina

ISBN 978-85-471-0576-1

Machado, Albenice Imaculada de Andrade;
Silva, Maria Ieda da;
Nascimento, Fabiana Flavia de Magalhães;
Nascimento, Catarina Valdete do;
Silva, Maria Neves.

Por Onde Andas, Chapeuzinho?!?! Maria Ieda da Silva, et al - Cuiabá – 2022. XX, 25 f: Artesam Ed.

Notas

1. Educação. . 2. História. 3. Infância. .

CDD BS 8723-5 CDU 37/49



APRESENTAÇÃO

Uma narrativa não existe sem o envolvimento da pessoa em várias dimensões, como tempo, espaço e lógica, a fim de incluir os leitores nos acontecimentos de maneira fácil e, ao mesmo tempo, compreensível.

> Narrativas envolvem memória, dimensão temporal, capacidade de compreender e explicar acontecimentos e capacidade para organizá-los em uma cadeia lógica na direção de uma construção da vida intelectual e social. (ANDRADE; URT, 2007, p. 63)

Devemos, de certo modo, ter cuidado ao explicar os episódios, a fim de que o leitor entenda como é a história relatada. Uma narrativa deve ter uma sequência de fatos, que corresponde ao enredo da história, citando o local e como eles ocorrem. Segundo Winnicott (1985), o brincar tem lugar no espaço potencial entre a criança e o adulto. Ao ocupar o espaço potencial, emerge a noção do eu na criança, que se relaciona com um não eu, seja ele professor, seja colega. Ao se relacionar, a criança entra em contato com as diversas subjetividades que a enriquecem e complementam.

O brincar deve ser levado a sério, e a criança deve ser mais valorizada e tratada como produtora de conhecimento.

Este pequeno trabalho está dividido em dois capítulos. No primeiro capítulo, serão narrados pequenos fragmentos da minha infância, como as brincadeiras de que eu mais gostava, a afinidade com os familiares e os amigos e fatos memoráveis. No segundo capítulo, há depoimentos de queridos amigos, sobre como me veem, e as considerações finais.

UMA LINDA GAROTINHA

No ano de 1968, no dia 17 de maio, na cidade de João Câmara no Rio Grande do Norte nasceu uma linda garotinha, que recebeu o nome de Maria Ieda da Silva. Ela já nasceu sem pai, pois ele havia abandonado sua mãe quando ela estava grávida de três meses. Maria Ieda só chegou a conhecê-lo quando tinha dez anos de idade.



Nasceu na fazenda de sua avó; o avô, ela não chegou a conhecer, pois já havia falecido. Naquele lugar, ela viveu muitos momentos bons. Por exemplo, a casa grande ficava perto do açude e, na frente da casa, havia uma barragem, por onde ela trafegava para ir ao outro lado pegar manga (quando tinha tempo!). Sua mãe a acordava cedinho, quando o dia ainda estava clareando, para que ela fosse a primeira a chegar nas mangueiras, antes mesmo das suas primas. Um dia, ela voltou com uma manga enorme,

toda contente e ansiosa para mostrar à sua mãe.

Na casa, moravam Maria Ieda, sua mãe, sua avó e sua irmã. Naquele lugar, o que mais lhe dava prazer era ir aonde tinha ateiras – por lá havia muitas, uma mais bonita, outra mais cheirosa, uma maior que a outra… Quando as atas caíam no chão, chegavam a rachar, de tão grandes que eram. Tinha também um pé de pitomba muito alto – que, quando estava carregado, arrastava os cachos pelo chão –, além de várias outras árvores frutíferas, como a de goiaba, fruta que sua mãe colhia em grande quantidade para fazer doce.

Depois que se mudaram da casa grande, elas foram morar em uma casa pequena, muito simples, feita de adobo, perto da casa grande. Lá, a menina se divertia pegando animais que caíam na arapuca que ela instalava no meio do mato. Gostava da brincadeira, mas tinha medo de colocar a mão para pegar o animal e ser mordida por ele. Em um certo dia, ela achou uma ave branca, grande e linda – o tipo de animal que servia de alimento para sua família. A menina também gostava muito de tomar banho no riacho próximo à sua casa, o qual, por ser escondido pelas árvores, tinha a água muito fria.

Uma vez, ela estava se ensaboando com um sabonete Lux Luxo do tamanho grande quando este escorregou de suas pequenas mãos e foi levado pela correnteza, que era bastante forte; Ieda ficou triste, pois o sabonete não era dela, e sim da esposa do primo dela, e aquela era a primeira vez que ela tomava banho com um sabonete cheiroso.

A primeira vez que ela ouviu música – uma canção de Roberto Carlos – foi no rádio desse mesmo primo, chamado Augusto, que proporcionou a ela esse conhecimento, pois, até então, ela nunca tinha ouvido rádio. Não é à toa que isso ficou marcado em sua memória.

Então, além de colher e chupar pitomba, ata e goiaba e pegar bichos na arapuca, ela também gostava de tomar banho no riacho e abrir a porteira, pois o carro do padeiro tinha que adentrar as terras onde morava para entregar pão em outras fazendas vizinhas. Cada vez que abria a porteira, ela ganhava um pão, lindo e saboroso, grande e maravilhoso, que comia com muito gosto. Quando ouvia o barulho do carro, saía correndo para abrir a porteira.

Na casa onde morava, a comida era feita em um fogão à lenha; portanto, Ieda ia com a mãe e a irmã pegar lenha no mato. Elas levavam de volta para casa vários fechos de lenha, que eram colocados um ao lado do outro e amarrados com uma corda ao meio. As três carregavam os fechos nos ombros e o dela era sempre o menor, pois era pequena e magra. Ela brincava trabalhando, fazendo serviço de adulto.

Quando não estava trabalhando, brincava do lado de casa, onde tinha uma pequena plantação de mandioca. Ela pegava uma mão de pilão bem grande, amarrava um pano em volta e fazia de conta que era seu filho. Os pés de mandioca eram suas comadres, e elas faziam farinha – já que, ao redor de cada pé do tubérculo, formava-se uma água branquinha. Ela ia em cada pé para cumprimentar, dar um bom-dia e bater papo com as comadres, apresentando a mão de pilão como sendo seu filho.

Em casa, havia uma rede na sala, na qual que ela gostava de deitar-se com seu gatinho pequeno, de pelagem rajada, e ficar balançando. O gato não gostava, mas ela insistia em se balançar com ele. Até que, um dia, ele fez cocô dentro da rede e a sujou toda de fezes muito fedidas. Foi uma sujeira só! A mãe dela brigou com Ieda, porque ela – a mãe, claro – teria que lavar tudo. A partir de então, ela nunca mais pegou o gato para se balançar. Apesar desse episódio, até hoje ela gosta muito de animais.



Quando tinha mais ou menos sete anos de idade, ela e sua família – constituída pela avó materna, sua irmã e sua mamãe – mudaram-se mais uma vez. Saíram da fazenda e foram morar na “cidade”, que era muito próxima. Lá, ela conheceu várias pessoas.